

OS SALÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE CAMPINAS NA DÉCADA DE 1980



Bolsista: Carolina Tiemi Odashima (chi.odashima@gmail.com) **Orientadora:** Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Morethy Couto

DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS – INSTITUTO DE ARTES
PIBIC/CNPq – PRP UNICAMP

Artes Plásticas – Salão de Artes – História da Arte – Crítica de Arte

Introdução

O objetivo deste projeto de pesquisa consistiu em analisar as duas edições do Salão de Arte Contemporânea de Campinas (SACC) realizadas na década de 1980 (nos anos de 85 e 88), refletindo sobre suas repercussões no circuito artístico nacional e suas relações com as edições anteriores dos SACCs e outros salões de arte realizados no mesmo período. Este trabalho integrou um grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto e financiado pelo CNPq e pela FAPESP, cujo objetivo central é a discussão sobre o processo de difusão do ideário vanguardista na cidade de Campinas – SP entre os anos 1950 e 1970, sobretudo no campo das artes plásticas.

Metodologia

Recuperamos e analisamos documentos de época (textos críticos, artigos de jornais, catálogos de exposição, cartas e manifestos), levantando os nomes dos artistas e os títulos das obras participantes e fazendo o registro fotográfico e análise de obras premiadas. Toda a documentação foi encontrada nos acervos públicos do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas, Centro de Memória da Unicamp, Galeria de Arte da Unicamp, e, principalmente, nos arquivos do Museu de Arte Contemporânea “José Pancetti” (MACC). Realizamos ainda entrevistas com artistas, críticos e historiadores atuantes no período com o objetivo de elaborar uma narrativa coerente e crítica sobre as principais características do circuito das artes na região no período referido e do papel dessas edições do Salão no certame artístico da época.

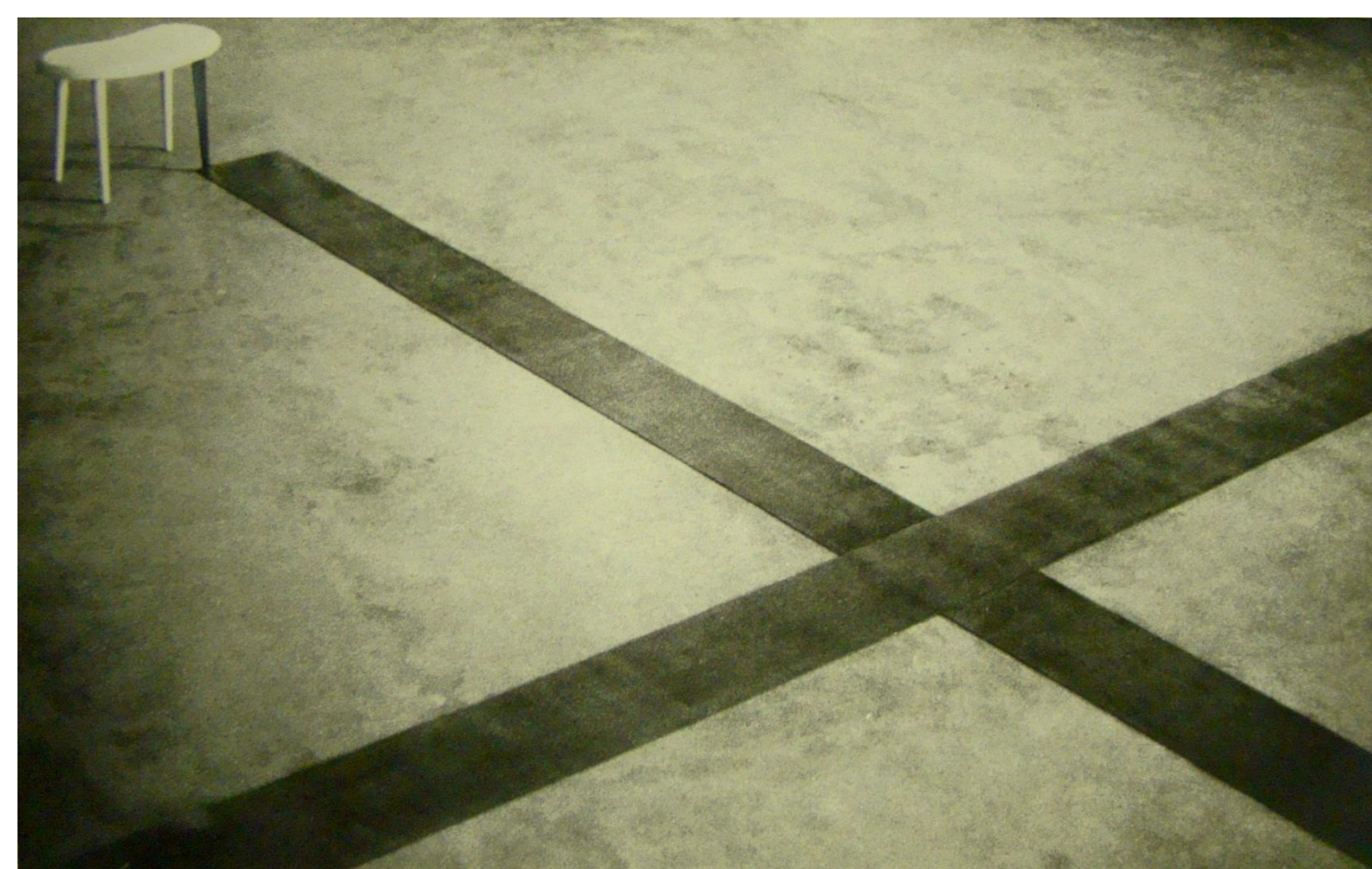
Aliada à documentação que foi levantada, tomamos como referência a dissertação de mestrado da pesquisadora Renata Zago, “Os Salões de Arte Contemporânea de Campinas”, na qual a autora trata dos SACCs desde sua criação, em 1965, até a sua 11ª edição, em 1977, explorando e discutindo as especificidades de cada uma dessas edições, e como o caráter do Salão se modificou ao longo delas. Ressaltamos também a importância da leitura de textos críticos de época contidos em compilações de Aracy Amaral, Ricardo Basbaum e Tadeu Chiarelli.

Parte do material de pesquisa captado e formulado até o presente momento tem sido publicado pelo grupo num website desenvolvido desde o ano de 2009 (<http://www.iar.unicamp.br/vanguardasemcampinas>).

Resultados e Discussão

Os SACCs, que a princípio, pretendiam mostrar a produção de arte emergente na época e ainda promover discussões sobre como deveria ser organizado um salão de arte, obteve, nos seus primeiros anos, apenas destaque local, mas, aos poucos, se expandiu para tornar-se um evento de relevância nacional, procurado por artistas do país inteiro. Inicialmente, formulados sob os moldes de um salão tradicional, os SACCs sofreram modificações em seu caráter e estrutura ao longo de suas edições, devido a preocupação, por parte de seus organizadores, em atualizar a mostra.

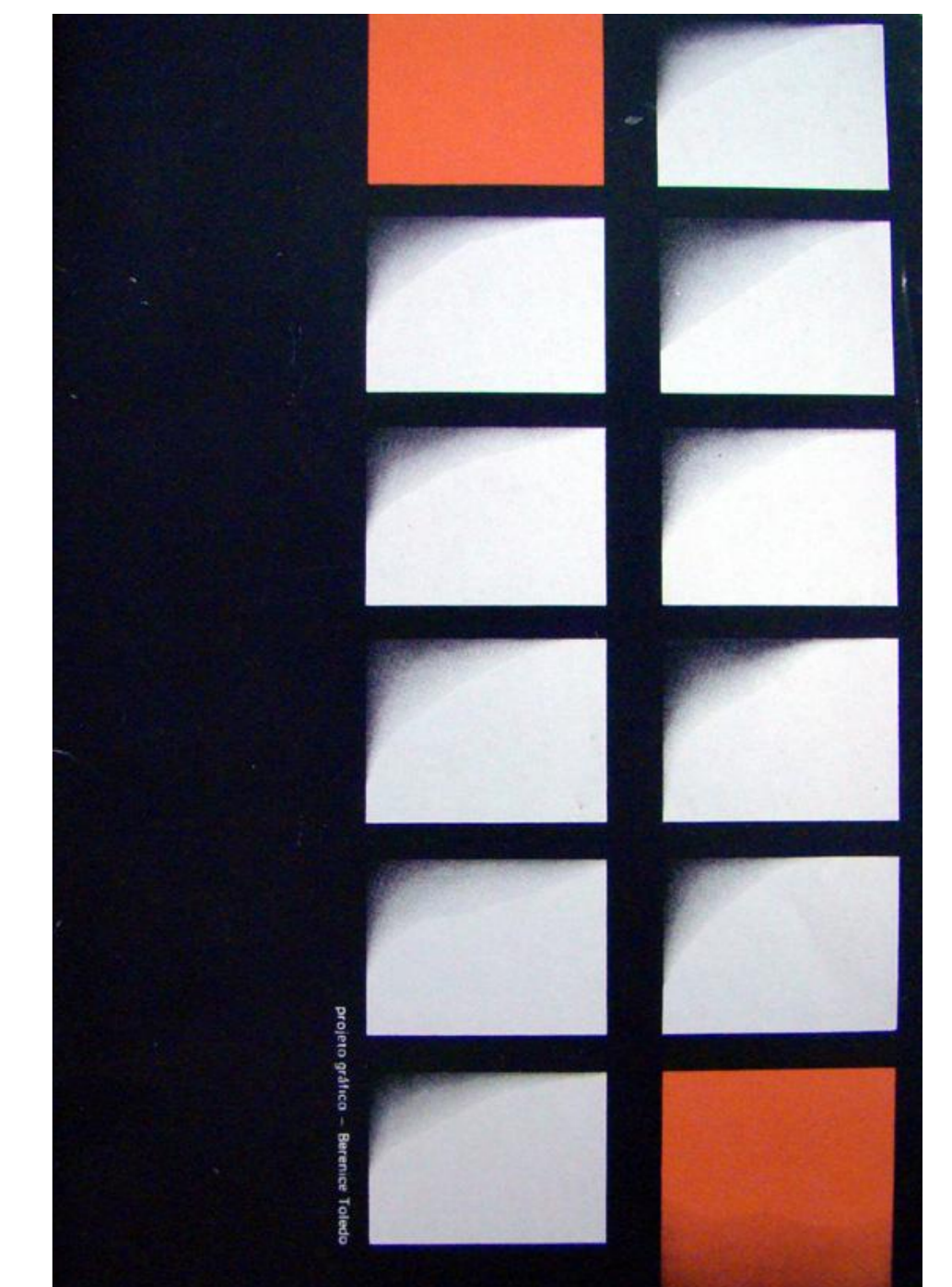
Dando continuidade à seqüência dos Salões e seus debates, a 12ª edição do SACC era prevista para o ano de 1978, contudo, esta só foi realizada em 1985, após intensos esforços da comunidade artística campineira em manter vivo seu Salão mais importante. Nesta edição, foi retomado um formato mais tradicional de salão de artes, com júri e premiação de obras. O artista plástico Paulo Cheida, que participou da organização desse Salão, explica, em depoimento, que essa medida foi necessária para garantir a volta do evento ao cenário artístico da cidade. Dentre as obras premiadas estavam produções diversas, algumas fazendo referência à produção da arte conceitual da década de 70, como é o caso das obras de Marco do Valle (“Figura Fundo Brazil O.N./60” e “Casa do Baile O.N./42”), artista que levou o grande prêmio daquele ano, enquanto que outras representavam as novas correntes neoexpressionistas, características da arte da década de 80, como as obras dos artistas plásticos João Magalhães (“Sem título”) e Ana Botelho (“Ornella na janela”).



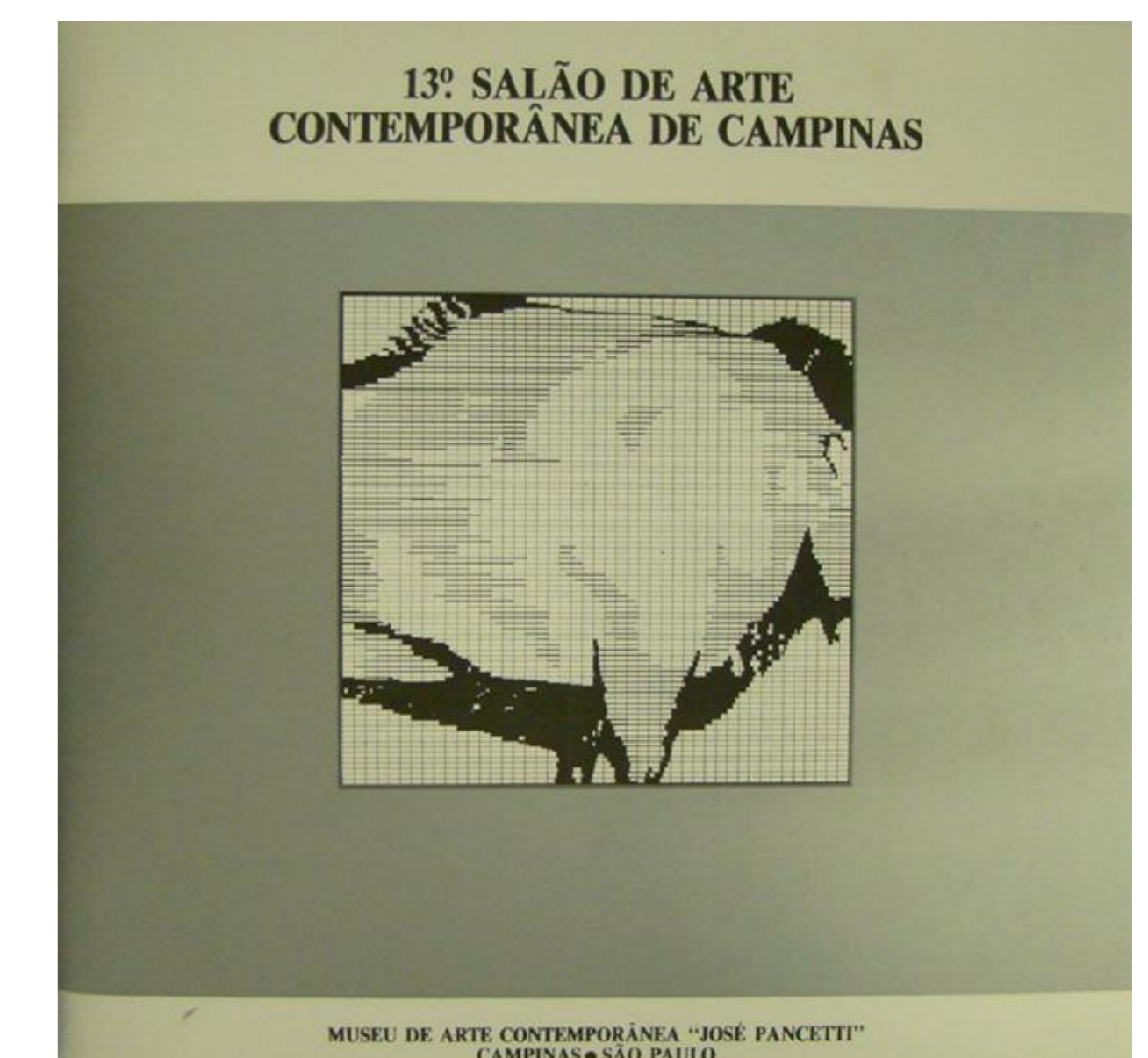
“Figura fundo Brazil O.N./60”, obra premiada de Marco do Valle no 12º SACC. Foto encontrada nos arquivos do MACC.

É importante dizer que nesse período outros salões de arte se fizeram presentes na cidade, como o Salão Acadêmico de Belas Artes, que teve quatro edições, entre os anos de 1984 e 1987. Paulo Cheida chama a atenção, sobretudo, para a I Bienal Internacional de Gravura, inaugurada em fevereiro de 1987, para ele, foi esse evento, somado ao 12º SACC que possibilitou a realização da edição seguinte do Salão, em 1988. De acordo com seu depoimento “a cidade de Campinas, no ano de 84 pra 88, efervesceu”, e que, naquele momento, o MACC ficou em evidência.

O 13º SACC, intitulado “Simbologias e Alternâncias: Momentos ocupacionais da expressão plástica”, e que prestava uma homenagem a Hélio Oiticica, por sua vez, organizou-se sob moldes diferentes da mostra de 85. Não havia júri de premiação, a exposição baseou-se no sistema de inscrição de projetos, e as obras, muitas delas voltadas para as novas mídias e tecnologias, foram divididas entre cinco setores: Linguagens contemporâneas (Alberto Beuttenmüller), Reprografia (Marcos Rizolli), Vídeo Arte (Paulo de Tarso Cheida Sans), Holografia e Raio laser (José Joaquin Lunazzi) e Meios eletrônicos (Júlio Plaza). Esse formato de curadorias próprias, inédito na história dos SACCs, talvez fosse decorrente de influências provenientes das Bienais Internacionais de São Paulo promovidas por Walter Zanini em 1981 e 1983, na valorização da figura do curador na montagem e concepção da exposição. Essa edição do Salão contou com a participação de artistas reconhecidos nacionalmente, como Ana Maria Tavares, Regina Silveira, Júlio Plaza, Paulo Bruscky, Guto Lacaz, entre outros. A mostra recebeu grande visitação, sobretudo por chamar a atenção do público pelos trabalhos que integravam arte às novas tecnologias.



Capa do catálogo do 12º SACC (1985), por Berenice Toledo.



Capa do catálogo do 13º SACC (1988).

Considerações finais

Apesar dessas duas edições, sobretudo a de 1988, terem demonstrado qualidade e força em meio ao cenário artístico local e nacional, o SACC teve seu fim em meio a um momento de crise da própria instituição dos salões, pela qual também passaram outras mostras, como foi o caso da Bienal Internacional de São Paulo. O desaparecimento do mais reconhecido salão de arte de Campinas (com uma pequena retomada no ano de 2007, quando foi realizada sua 14ª edição) nos anos posteriores, pode, por um lado, ser encarado como fruto do abandono de incentivos financeiros por parte da Secretaria de Cultura de Campinas, ou também como uma descentralização de forças da comunidade artística local, que se divide entre as vários outros acontecimentos no certame artístico campineiro: outros salões de arte e exposições foram realizados (tais quais os citados anteriormente), criou-se o Departamento de Artes Plásticas no Instituto de Artes da Unicamp e também a Galeria de Arte da Unicamp, além do já consolidado Departamento de Artes Plásticas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Além desses fatores de caráter local, talvez fosse, como foi dito, um movimento maior um dos responsáveis pelo fim dos SACCs, é possível que o formato de salão de arte não mais atendessem às questões daquele momento, e por isso, foi-se perdendo interesse em mantê-lo. Em suma, não é possível estabelecer uma razão específica ou uma série de fatos que desencadearam a perda de forças do SACC, e assim, levantamos algumas suposições a esse respeito, e mantivemos empenho em traçar a história das duas edições dentro de seu contexto.